

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB**

**INSTITUTO DE LETRAS-IL**

**DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS- LIP**

**ELEVAÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA NO PORTUGUÊS E NO CRIOULO DA  
GUINÉ-BISSAU**

**DÂNIA COSTA PIRES**

**ORIENTADOR: ANTÔNIO AUGUSTO SOUZA MELLO**

**BRASÍLIA**

**2013**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB**

**INSTITUTO DE LETRAS-IL**

**DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS-LIP**

**ELEVAÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA NO PORTUGUÊS E NO CRIOULO DA  
GUINÉ-BISSAU**

**Monografia de conclusão de curso; pré-requisito para  
a obtenção do diploma do curso de Letras-Português  
UnB.**

**BRASÍLIA**

**2013**

## **AGRADECIMENTOS**

Especialmente ao prof. Antônio Augusto Souza Mello, um professor exemplar, que me guiou pelo caminho certo com sabedoria e muita paciência. em que encontrei plena segurança na orientação. Muito obrigada por tornar este trabalho possível.

Agradeço em especial a Dulceneia Costa Pires que é mais do que uma Irmã pra mi. Sem ela não teria como chegar até aqui. obrigada por esses cinco (5) anos de ajuda financeira, psicológica e muito mais.

Aos meus irmãos, Atchydi, Sonia, Helia, Tony e ao meu pai que contribuíram muito com a força, fé e muito amor e carinho. Obrigada a todos.

Á Thalia que faz parte da minha vida e acompanhou os últimos momentos de tristeza, alegria e da luta diária que vale muito a pena. Obrigada meu anjo.

Aos meus amigos, companheiros da luta, Bernardo, Celeste, Fátima, Yana, Jean que sempre estiveram ao meu lado e que me ajudaram muito nos momentos mais difíceis. Com vocês aprende a dar valor às pessoas e enxergar muito além do que me parece possível. Muito obrigada a todos.

A minha amiga Joelza, que me ajudou muito nesses dois anos de luta com a Thalia, sem você não seria possível terminar os meus estudos. Só tenho que agradecer por ser essa pessoa maravilha que deus colocou nas nossas vidas. muito obrigada de coração.

Aos meus professores, Dionei, Elda Ivo, Lurdes, Rosana, Rogério Lima, que me ensinaram com muita dedicação e paciência, sem vocês não chegaria aqui. Muito obrigada a todos.

Aos meus amigos brasileiros, Andressa e Felipe que me ajudaram com o resumo, abstract, revisão e a formatação do trabalho. Obrigado pelo apoio e amizade incondicional.

## **SUMÁRIO**

**Introdução... 9**

**1- A história do português e do crioulo da Guiné-Bissau... 11**

**1.1-Mapa: geografia da Guiné-Bissau... 13**

**1.2- A história do crioulo na Guiné-Bissau... 15**

**1.3- As línguas Africanas na Guiné-Bissau... 17**

**2- O fenômeno da elevação de vogal pretônica... 19**

**2.1- Os trabalhos realizados no Brasil. 23**

**2.2-Geruzá de Sousa Graebin (2008)... 23**

**2.3-Gustavo da Silva Amorim (2009)... 25**

**2.4- Leda Bisol e Maria José Blaskovski (2009)... 26**

**3-Os contextos lingüísticos... 28**

**3.1-Contexto fonológico precedente... 28**

**3.2- Contexto fonológico seguinte... 29**

**4-Lista de palavras onde ocorre elevação de vogal pretônica... 30**

**5-Lista de palavras onde não ocorre elevação de vogal pretônica... 32**

**6-Lista de símbolos fonéticos... 34**

**7-Revisão bibliográfica... 36**

**8-Português popular da Guiné-Bissau... 38**

**9-Conclusão... 39**

## RESUMO

Este trabalho aborda a história do Português do crioulo na Guiné – Bissau sob o conhecimento de elevação de vogal protônica. O trabalho tem como objetivo mostrar que já cumpriram o fato de mudanças lingüístico, e que esta situação é por vezes deixada de lado. O português é o superstrato do crioulo guineense, a origem de maioria do seu léxico. O corpo deste trabalho é constituído por dados reais de fala de indivíduos por oriundos dos dois países investigados: Guiné– Bissau com Brasil. De Guiné- Bissau, foram entrevistado três estudantes de cursos diferentes, e residências fixa em Brasília. Os dados referentes ao PB, também foram entrevistado uma aluna da universidade de Brasília que viveu sete anos em Guiné- Bissau. Apartir dos dados apresentados nesse trabalho conclui que tanto português brasileiro em relação alguns estados, há 100% de elevação de vogal protônica (e – i, 0 – u) em contexto determinada.

**PALAVRA CHAVE:** Guiné–Bissau: elevação de vogal pretônica. No português e no crioulo.

## ABSTRACT

This paper discusses the history of Portuguese Creole in Guinea-Bissau beneath known and unexplored vowel raising. The work aimed to show that you have already fulfilled the fact of language change, and this situation is sometimes overlooked. The Portuguese is a superstrate (supertract) of the Guinean Creole, a source of most of your lexicon. The body of this work consists of actual data speech by individuals coming from the two countries investigated: Guinea-Bissau and Brazil. From Guinea-Bissau, we interviewed three students of different courses, with residence in Brasília? For the data of the PB, we also interviewed one student from the University of Brasília who lived seven years in Guinea-Bissau. Based on the data presented in this study, it can be concluded that Brazilian Portuguese, in relation to some states, increases 100% its vowel (e - i, o - u) in certain contexts.

**KEY WORD:** Guinea-Bissau: vowel raising. In Portuguese and Creole.



“todo mundo viaja com uma mala  
Cheia de coisas boas e ruins “”.  
“mas o segredo é que cada um sabe  
Fazer a sua escolha “”. A minha é deixar a  
Família e vir em busca de uma vida melhor. Obrigada  
Meu Deus.

Antonio Bandera e Dânia Costa Pires

## INTRODUÇÃO

O fenômeno de elevação da vogal pretônica, aqui estudado, consiste na realização dos fonemas /e/ e /o/, que possuem geralmente sons de vogais médias [e, o], como vocoides de ponto de articulação alto [i, u]. É recorrente, quando se analisa tal situação lingüística no português do Brasil e da Guiné-Bissau.

No entanto, tal variação da língua portuguesa surge com as mais diferentes facetas, sendo, aparentemente, influenciada por fatores referentes em cada contexto fonológico em que se apresenta.

Existem varias situações, algumas colocadas neste trabalho, mostrando o fenômeno de alçamento pela harmonização vocálica. Em outra situação, a assimilação de algum traço de consoante que segue a vogal é a motivação mais viável. Juntam-se a esta variabilidade de normas condicionantes em cada região do Brasil e da Guiné-Bissau, tornando a elaboração de regras num processo que deve ser minuciosamente descrito sob a forma lingüística, como o aspecto social e regional.

Além disso, as vogais pretônicas sofrem também um processo conhecido como o de elevação da vogal, (grosso modo, /e/ → [i], /o/ → [u]) altamente variável no português brasileiro como no crioulo da Guiné- Bissau, com matrizes sociais as mais diversas.

O que se busca na pesquisa explicitada aqui é a utilização dos dados sociolingüísticos para não perdemos de vista os contextos sociais e regionais.

Desses dados serão extraídos os contextos categóricos, ou seja, o objetivo não é listar a regras, mas sim mostrar que há vertentes das vogais pretônicas que já cumpriram

o fator de mudança lingüística, e que esta situação é, por vezes, deixada de lado. O português é o superstrato do crioulo Guineense, a origem de maioria do seu léxico.

## **1- A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS E DO CRIOULO NA GUINÉ-BISSAU**

A República da Guiné-Bissau está localizada no lado oeste do continente africano com uma extensão de 36.125 km<sup>2</sup>. Seu território está dividido em uma parte continental de 34.625 km<sup>2</sup> e outra insular com o Arquipélago de Bijagós, de 1500 km<sup>2</sup>, contendo 88 ilhas. A superfície continental consiste de uma área baixa altitude e marcada por uma rede hidrográfica constituída de savanas. ''(Cristóvão 1929, p.20) ''.

A língua portuguesa começou a se expandir com as grandes navegações dos portugueses aos continentes no intuito das conquistas e domínios das terras.

As viagens portuguesas não se restringem em explorar só as riquezas, mas sim a propagação da fé cristã, Cristóvão (1929, p.19). Segundo Antônio de Nebrija, '' a língua era companheira do império''. Por esse motivo, havia denominação econômica, social, política e cultural em todas as terras que eles chegavam.

Os navegadores portugueses chegaram ao continente africano, especificamente na costa da Guiné por volta de 1446, e percorreram todo o território do rio Geba, que é considerado o maior do país. Essa invasão fez com que os portugueses ganhassem mais o espaço no território guineense, começando assim a captura dos escravos. Mas a reação do povo não deixou de acontecer, mesmo com muitas dificuldades por falta de munições para combate contra os invasores eles lutavam muito e morreram muitos, antes de travar a guerra. Foi uma luta de muito tempo, sofrimentos, fomes, doenças, mas nunca desistiram de lutar para defender a sua própria pátria.

Houve uma luta constante entre ambas as partes, e os nativos lutavam bastante para preservar os seus direitos. Também houve a reação dos autóctones que não concordaram com a forma que estavam sendo tratado, este fato levou a origem à luta

pela independência da Guiné Bissau em 1973. Com essa atitude tomada pelo povo, fez com que após a luta da independência houvesse um acordo por via pacífica com os portugueses e fez com que a língua portuguesa se tornasse oficial no país.

A dominação portuguesa durou muito tempo até que os países dominados se tornaram independentes, assim aconteceu com a maior parte das colônias portuguesas.

Na Guiné-Bissau o português é falado apenas por 12% da população, ainda é desconhecido por uma boa parte da população. Na Guiné, existem várias outras línguas que convivem ao lado com as dos colonizadores, mas antes do português ser adotado como a língua oficial, já havia mais de duas dezenas de línguas étnicas distribuídas em diversos grupos étnicos. “ (Cf.AUGEL, 2007, P.176)”, sem contar com o crioulo, que é falado por mais de 90% guineenses.

**Mapa 1: Geografia da Guiné Bissau**  
 [Fonte: [webcarta.net/carta/geo.php?p=3&lg=es](http://webcarta.net/carta/geo.php?p=3&lg=es)]



**1.1-** Este trabalho não contempla mais dados sobre outras línguas em extinção na Guiné-Bissau.

Os portugueses tinham como prioridades deixar as suas marcas por onde passavam, os guineenses foram obrigados a se submeter à língua ‘portuguesa’, porque havia repressões cruéis, e alguns foram abandonando as suas línguas.

Mexer com a língua é como mexer com a cultura e identidade de um povo, então para os nativos é como mexer com o patrimônio valioso. A mudança é um algo muito violento, para os guineenses mudar de língua é mudar da própria identidade ou da

etnia, por essas razões o crioulo surgiu naturalmente para ajudar a resolver vários problemas no período de colonização. O crioulo serve como mediador ou resolução das línguas étnicas, por isso é considerado como língua de todos os guineenses. O que deve estar claro é que a língua portuguesa é a língua dos “tugas”, gíria guineense para se referir aos portugueses.

“Segundo Amílcar Cabral, a língua portuguesa é um dos melhores coisas que os portugueses deixaram, e é um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros. A luta da libertação é um fato cultural e um fator de cultura”. (FREIRE, 1977, p.18)”.

“Guine Bissau não teve a mesma atenção que outras colônias portuguesas, tudo se impunha na força, crueldade, isso leva reflexão e conseqüências ruins e danosas na história dos pais. A língua portuguesa, não tem nada a ver com a sua prática. (ABDALA JUNIOR, 2002, p.135)”.

## 1.2- A HISTÓRIA DO CRIOULO NA GUINÉ-BISSAU

Para Couto (1994), crioulo é uma língua natural que se distingue das restantes devido a três características: o seu processo de formação, a sua relação com uma língua de prestígio e algumas outras particularidades.

O *kriol* é um crioulo de base portuguesa, com uma gramática e léxico próprios. Surgiu do contato do português com as línguas africanas, da região de Guiné-Bissau, facilitando a comunicação.

Não só para facilitar a comunicação entre os europeus e os africanos surgiu o *kriol*, mas também, para servir de língua franca entre as diversas etnias presentes no país, considerando-se a diversidade lingüística da região. O crioulo guineense ter-se-ia formado entre o fim do século XVI e início do século XVII (Couto, 1994). No entanto, as opiniões divergem quanto ao local onde ele teria surgido.

Para uns (Naro, 1978) teria sido em Portugal com a ida de escravos negros para lá, ainda no século XV. De Portugal teria “emigrado” para a África. Outros estudiosos defendem que o berço da língua crioula foi Cabo Verde, como Peck (1988) e Kihm (1994) e, por fim, uma terceira corrente considera que foi na Guiné que ele se formou (Rougé, 1986).

Muito próximo do crioulo falado em Cabo Verde, ou o cabo verdiano, o *kriol* forma com o Grupo Crioulo da Alta Guiné, o mais antigo grupo de línguas crioulas de base portuguesa. Ele é também falado na extremidade sul do Senegal, a região de Casa Mânsa, parte Integrante da colônia portuguesa da Guiné até 1899.

Como se pode ver em Couto (1992 a, 1993 b, 1994), os portugueses



começaram suas investidas na região da costa ocidental africana já no final do século XV. Nesse processo, entraram em contato com diversos povos, falantes das mais variadas línguas. Quando começaram a estabelecer núcleos de colonização (fortes, fortalezas, feitorias, etc.) ao longo da costa, arregimentaram auxiliares africanos para o trabalho (grumetes) e se juntaram a esposas ou concubinas locais (tangomas), de modo que começaram a surgir comunidades mistas euro-africano, como Cacheu, Geba e outras, no continente e em Cabo Verde, no arquipélago do mesmo nome. Portanto, as bases para o surgimento de uma comunidade e conseqüentemente de uma língua, já estavam formadas. Porém, diante do multilinguismo vigente nessas comunidades emergentes e heterogêneas, certamente houve um desmoronamento das estruturas das línguas intervenientes, ou seja, de um lado o português seiscentista exercia grande pressão e, de outro, as línguas nativas, como o mandinga, o mancanha, o pepel, o bijagó, o beafada, o fula, sofriam essa influência devido ao contato lingüístico, ver Couto (1992 a, 1993 b, 1994).

A conseqüência natural foi o início da formação, nesses núcleos mistos euro-africano, para atender às necessidades de comunicação não só entre portugueses e africanos, mas também dos africanos entre si, dadas as diversas línguas que falavam.

### 1.3- LÍNGUAS AFRICANAS DA GUINÉ-BISSAU

Línguas	População	Grupo
Balanta	254.000	Oeste atlântico (cento-norte)
Fula	169.000	Oeste atlântico (nordeste)
Manjaco	118.000	Oeste atlântico (noroeste)
Mandinga	96.000	Mande
Pepel	59.000	Oeste atlântico (norte)
Mancanha	25.000	Oeste atlântico (norte)
Biafada	18.000	Oeste atlântico (norte)
Padjadinca	5.000-12.000	Oeste atlântico (norte)
Bijagó	16.000	Oeste atlântico
Diola	15.000	Oeste atlântico (norte)
Mansonca	9.000	(Oeste atlântico norte-sul)
Baiote	5.000	Oeste atlântico (norte)
Banhum	5.000	Oeste atlântico (norte)
Nalu	5.000	Oeste atlântico (norte)
Saraculé	2.000	Mande
Sussu	2.000	Mande
Kassanga	400	Oeste atlântico (norte)

Kobiana	300	Oeste atlântico (norte)
Djakanca	-	Mande
Maninca (?)	-	Mande

Tabela 1. Adaptado de Grimes (1988:240).

“Infelizmente não tem nenhuma prova escrita sobre do crioulo antigo (velho). No caso, além de ser a principal língua de comunicação Inter étnica na Guiné-Bissau, o crioulo é também (ou principalmente) a língua materna da maioria dos guineenses. Portanto, se não bastasse ter uma autonomia imanente, estrutural, isto é, ter uma gramática independente e tem também autonomia política.” Couto, (1992, p.175)

Luigi Scantamburlo explica que “o crioulo é fator capaz de manter a pacífica convivência entre as diferentes etnias e de garantir a identidade cultural da nação”.

## 2- O FENÔMENO: ELEVAÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1970), afirma que as vogais do português, na língua oral, são mais complexas do que na escrita. No português escrito representam-se as vogais por meio de cinco letras latinas *a, e, i, o, u*. Mas na realidade existem sete fonemas vocálicos orais e cinco nasais, multiplicados em muitos alofones.

Partindo da posição tônica, que oferece maior nitidez dos traços distintivos, as vogais do português são apresentadas por Câmara Jr. de acordo com a gradual elevação da língua na boca, têm-se as vogais médias (divididas em médias de 1° e 2° graus), e as vogais altas.

Existe ainda a classificação de vogal anterior (caracterizado pelo avanço da parte anterior da língua), posterior (caracterizado pelo recuo da parte posterior da língua e arredondamento dos lábios) e central. Abaixo temos a representação do sistema.

Representação das vogais tônicas do português (CAMARA JR, 1970).

Altas	/i/	/u/	
Médias	/e/	/o/	2º grau
Médias	/ɛ/	/ɔ/	1º grau
Baixa	/a/		
	anteriores	central	posteriores

Esse quadro é alterado nas posições átonas, devido à neutralização, que consiste na perda da capacidade distintiva de um fonema em determinado contexto. Os sete fonemas vocálicos se reduzem a cinco na posição pretônica, num processo denominado redução vocálica.

#### Distribuição das vogais conforme a qualidade das sílabas

##### Pretônica

/i/            /u/

/e/            /o/

-            -

/a/

Observando-se a representação acima é possível perceber o processo de redução ocorrido na posição pretônica. As oposições entre as vogais médias de 2º grau (/e/ e /o/) e de 1º grau (/ɛ/ e /ɔ/) são suprimidas, e temos a realização apenas de vogais médias de 1º grau (/e/ e /o/).

A autora (Veigas, 2003, p.300), afirma que o ambiente da vogal alta seguinte é altamente favorecedor ao processo do alçamento, excetuando-se os itens que tem na sua origem uma vogal /i/ ou que, possivelmente vieram de variação de [i] muito cedo detectada no português, e a possíveis analogias (bimestre / s[i] mestre). Existem itens com o ambiente de vogal alta seguinte que não alçam. Ex: s[e] ntado.

A autora analisa as formas p[e] sado e p[i] sado, nas quais a vogal média pretônica está em oposição distintiva com vogal alta. Podemos notar que um item é

alçado e outro não. O mesmo ocorre em d[e]senho e d[i]senho, d[e]sempenho e d[i]simpenho. Diante dos exemplos, Veigas conclui que os itens alçados são normalmente dotados de menor prestígio social, ou seja, empregados em situação familiar. Os itens não alçados são socialmente mais prestigiados (Veigas, 2003, p.400).

No caso das vogais pretônicas, podemos encontrar várias realizações fonéticas para um mesmo vocábulo, como em desafio/disafio, possível em PB e *kriol*, defeito/difeito, devolver/divolver, possíveis somente em *kriol*.

As vogais /e/e/o/ assumem diferentes realizações na posição pretônica: ora como médias, (/e/e/o/), ora como altas (/i/e/u/) e ora como vogal de timbre intermediário, que entre as duas se coloca. A regularidade com a mudança de pretônica ocorre em certos ambientes e permite depreender a sistematicidade do fenômeno e descrevê-lo como uma regra gramatical. (Veigas, 1981, p.259).

Batista e Vieira (2001) afirmam que esse fenômeno é um caso de variação, que não causa alteração no sistema lingüístico e não tem caráter fonológico da neutralização. Dessa forma, podemos encontrar variantes como comer/cumer, vomitar/vumitar.

No entanto, nem todos os casos de alçamento podem ser explicados pela harmonização vocálica. Câmara Jr. (1970) interpreta como, nesses casos de desdobramento, os valores de /e/e/o/ acumulam-se sobre /i/ e /u/. O autor acrescenta que se trata de flutuação dentro do sistema, que atrofia ou hipertrofia elementos dele.

Outro trabalho referente ao estudo das vogais médias pretônicas é o de Célia (2004). Dentre os fatores favorecedores ao processo de alçamento delineado pela autora, é interessante destacar:

« A nasalidade de vogal, que segundo ela, atua favorecendo o alteamento de /e/.

« As consoantes que favorecem o alteamento de E são a palatal e bilabial precedente e a velar seguinte. Já para O, mostraram-se favorecedores a palatal e a velar precedente, além da labiodental seguinte. (CÉLIA, 2004, P.106).

Pelas pesquisas feitas aqui no Brasil, essa elevação de vogais, tanto pretônica como postônica varia.

Pretônica	postônica
[Mi] ni [nu]	o→u (postônica) 100%
Menino	e→i

me ~ mi →30% RS

mo~ mu →70% PE

EX: porque, sigundo, piqueno, nutiçia, istudo, futibol, duente.

## 2.1--OS TRABALHOS REALIZADOS NO BRASIL

Neste tópico, serão apresentados os dados recolhidos em outros trabalhos para que seja possível mostrar o fenômeno de categorização do alçamento da vogal pretônica. Para tanto, foram escolhidos três trabalhos, que representam pólos regionais de estudo, com o objetivo de averiguar a amplitude de realização alta da vogal.

São eles: *O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta da Recife*. Por Gustavo da Silva Amorim; *A fala de Formosa/GO: a pronuncia das vogais médias pretônicas* de Geruza de Sousa Graebin; *Português do Brasil* orgs. Leda Bisol e Gisela Collischonn.

### 2.2- Geruza de Souza Graebin (2008)

Segundo Cunha (2011), observando as considerações sobre os dados coletados por Graebin, constata-se que a autora faz um estudo variacionista analisando um corpus de 14 falantes da cidade de Formosa/GO. Sete homens e sete mulheres. Esse grupo situa-se entre faixa etária de 30 e 45 anos, com a justificativa de se contabilizar falantes que trabalham em Brasília, uma vez que esse fator se fazia importante para destacar a influência lingüística causada pela proximidade com a capital.

Na coleta de informações, deu-se importância prioritária aos dados variantes, descartando situações que apresentavam pronúncia categórica como em *m[i] nino d[e]*, *pois, b[u] nito* e *ap [e] sar*. Em situações que também apresentam quantidades



majoritárias, como nos ditongos decrescentes *ei*, *ac[ei]tar*, e *oi*, *[oi]tenta*, também há descarte dos dados.

Uma vez descartados os contextos categóricos, cumpre alçar as tendências demonstradas pela autora a fim de definirem-se certos padrões que favorecem ou não a elevação. Começamos com os elementos que contribuem para a elevação.

1) Em contexto nasal, os vocóides [ĩ] e [ẽ] na sílaba tônica favoreceram a elevação de /e/, *p[i] dindo*; *d[i] senvolver*; a alta nasal [ũ] elevou ambas pretônicas *[i] nhum*, *pr [u] nunciar*.

2) A alta anterior mostrou-se como fator favorecedor para o alteamento tanto para o /e/ como o /o/ pretônicos, *m[i] nino*, *m[u] tivo*;

3) Em relação à presença de consoantes, o alteamento da pretônica /e/ é maior entre as consoantes com o traço [+ alto] (pós alveolares, palatais e velares);

4) Os índices mais elevados pertencem aos contextos com travamento em /N/ e hiato. *[i] ncantado*, *c[u] nvidado*, *bloqu [i] ado*, *b[u] ato*.

Por fim, a autora faz referências às variáveis extralingüísticas, que são importantes para constatar a possível influência destes fenômenos na realização categórica. Na primeira delas, a classe baixa, houve disposição para a afirmação de que a classe média tende a abaixar as vogais médias pretônicas.

Já a classe alta descreve a tendência de manutenção tanto de /e/ quanto de /o/. Portanto, com os dados apresentados, não é possível afirmar que o fator econômico é motivador de elevação categórica da vogal pretônica.

### **2.3- Gustavo da Silva Amorim (2009)**

Segundo Cunha (2011), Amorim (2009) utiliza corpus de 12 falantes residentes na cidade de Recife-PE, abrangendo apenas indivíduos cujos pais têm nível superior, sendo que estes não se ausentaram da cidade por mais de dois anos. A partir dessa amostra, o autor faz um estudo de comportamento das vogais pretônicas subdividindo os informantes estudados em:

- 1) Sexo/gênero: masculino (6) e feminino (6);
- 2) ((Idade 1) até 39 anos (3 mulheres e 3 homens); 2) de 40 anos ou mais (3 mulheres e 3 homens);

Estes informantes foram submetidos à entrevista direcionada por leitura de textos e leituras de palavras, com objetivo de mostrar qual nível de consciência fonológica do falante uma vez que supostamente, aquele que lê adota um maior grau de formalidade do que os que não têm um texto direcionador.

Quanto à elevação da vogal pretônica, segundo Amorim, podemos encontrar categoricidade em palavras iniciadas em EN- e ES-, exemplificadas em ensino, escola, entrevista, etc. Em geral, as vogais pretônicas nasais são fortes candidatos à elevação ou à manutenção na pronúncia médio-alta, nunca na variedade médio-baixa. Expressando, reconhecendo, sentindo.

Em aspecto geral, Amorim (2009) chegou à conclusão de que houve uma proeminência do uso da vogal média fechada pelos recifenses. Dos 6.360 dados coletados pelo autor, 1.916 (31%) correspondiam à variante anterior médio-fechada, e 1.238 (19%) à posterior médio fechada. Já nas vogais altas apresentaram menor frequência. Averiguar qual a posição da vogal pretônica que mais favorece aos fenômenos estudados. Se a posição contígua ou não resultaria em algum argumento relevante. Distância 1 *m[e] nino* Distância 2 *ac[e]lerou*, Distância 3 *b[u]checava*.

#### **2.4- Leda Bisol e Maria José Blaskovski (2009)**

Segundo Cunha (2011), para fazer o parâmetro de realização da vogal média pretônica na região do sul do Brasil, serão utilizados dois textos do livro português do sul do Brasil realizado por Leda Bisol. Nesse trabalho, Maria José Blaskovski Vieira faz um apanhado geral das vogais médias átonas, em posição postônica, nas três capitais do sul do país. É relevante tratar desta outra posição uma vez que é mais pacífico, no estudo lingüístico, uma possível neutralização da vogal átona final, caminho que a elevação da vogal pretônica pode seguir alguns contextos. Já Leda Bisol explana sobre o alçamento da vogal pretônica em motivação aparente.

Segundo Bisol (2009. pág.79), a elevação sem motivação aparente, tem o nível de uma regra neutralizadora que tende mudar um subsistema de cinco vogais para três vogais, assim como ocorreu no português europeu.

Para concluir, Bisol (2009) expõe que regras de neutralização tendem a ser categóricas, mas não é o que ocorre em face inicial do processo. Em dados do sul do

país, esse alçamento da vogal média sem condicionador específica mostra-se escasso uso. Virá a ter efeitos maiores, só o decorrer dos tempos poderá expor.

### 3- OS CONTEXTOS LINGÜÍSTICOS

Segundo Gislei, analisando-se todos os ambientes com contexto para a aplicação da regra de harmonização vocálico-vogal alta contigua, nota-se que a situação da regra não é tão freqüente quanto o esperado. O processo ocorre em apenas 38% dos ambientes com o contexto lingüístico.

#### 3.1- CONTEXTOS FONOLÓGICOS PRECEDENTE

Em relação ao contexto fonológico precedente, os segmentos que mais atuaram no processo de alçamento foram:

- As oclusivas labiais (*buneca, porque*)
- A oclusiva coronal /d/, especialmente quando seguida de /i/ (*dimais, dizesseis, dizoito*)
- A oclusiva dorsal /k/, especialmente quando seguida de /u/ (*começar, cumer*)

Segundo Gislei, outro fator especialmente atuante foi localização de pretônica /e/ em início de palavra. Nesses casos, os índices de alçamento são bastante elevados. De acordo com Bisol (1981), a elevação de /e/ antes dos arquifonemas /N/ e /S/ parece fato consagrado, compreendendo quase a totalidade das realizações.

### 3.2- CONTEXTOS FONOLÓGICOS SEGUINTE

Segundo Gislei, no que concerne ao contexto fonológico seguinte, os casos de alçamento ocorreram principalmente quando a vogal pretônica vem em seguida do R retroflexo, bastante característico no dialeto do triângulo mineiro. Um exemplo categórico dessa elevação é o item *porque*, que sofre alçamento em 100% dos casos.

A fricativa coronal /s/ mostrou-se também bastante atuante no processo de implementação de regra, especialmente nos casos em que a vogal pretônica encontra-se em início de palavra, como já discutido anteriormente.

Outro fator atuante é a nasalização. Quando a vogal média pretônica é seguida de uma consoante nasal, ou ela própria é nasalizada, os índices de alçamento são bastante altos.

#### **4- LISTA DE PALAVRAS ONDE OCORRE ELEVAÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA**

O corpus deste trabalho é constituído por dados reais de fala de indivíduos oriundos dos dois países investigados: Guiné-Bissau e Brasil. Com relação à Guiné-Bissau, foram entrevistados três estudantes de cursos diferentes, com residência fixa em Brasília. Os dados referentes ao PB, também foram entrevistada uma aluna da Universidade de Brasília, que viveu por sete anos na Guiné-Bissau.

<b>Crioulo</b>	<b>Português</b>
Absluto	Absoluto
Bibida	Bebida
Curpo	Corpo
Cirimônia	Cerimônia
Custura	Costura
Custume	Costume
Cumentar	Comentar
Disenho	Desenho
Disabafo	Desabafo
Divolver	Devolver
Discanso	Descanso
Difeito	Defeito
Duno	Dono
Iliminado	Eliminado
Involvido	Envolvido

Ixiste	Existe
Gomis	Gomes
Pirigoso	Perigoso
Purtugal	Portugal

Na maioria dos contextos a elevação é categórica (100%) no português e no crioulo da Guiné-Bissau.



## 5- LISTA DE PALAVRAS ONDE NÃO OCORRE ELEVAÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA

Crioulo	Português
Beleza	Beleza
Conversar	Conversar
Colado	Colado
Lotado	lotado
Mensagem	Mensagem
Metade	Metade
Telhado	Telhado

Os conceitos teóricos de lingüística histórica que me servem neste caso das pretônicas são o de analogia precedida de reanálise e, marginalmente, o de substrato. torna-se efetivamente provável que a antiga elevação do vocalismo átono final português tenha desencadeado um processo de reanálise de regras complexas, orientado para simplificação da gramática, e que resultou no cancelamento da regra da harmonização vocálica, sobrevivendo ambos contudo durante centenas de anos porque a analogia se caracteriza pela lentidão com que atua. Por outro lado (mas sobre isso pouco falarei agora) uma gramática que, por reanálise, contivesse uma regra geral de elevação em ritmo de progressão analógica, convivendo com a regra, que se ia cancelando aos poucos, da harmonização vocálica, ao ser aprendido por falantes de língua materna onde bastante atuava a mesma harmonização, podia ser reestruturada no sentido da gramática

antiga (estou a falar dos falantes africanos de língua crioulo, sobretudo os que têm nas suas línguas harmonização tanto no eixo articulatório vertical como no horizontal).

Documentação para estas propostas: Há Desde o século XV, há nos textos indícios de que a harmonização, que na Idade Média oferecia exemplos assimilatórios.

Aligria, divia, escriví, firir, irmitã, lidice, miriçimento, mizquinho, mintira, nimigalha, obidiente, paricia, pidir, pirdiçom, seguir, siia, spicialmente, viir, vilhiçe, vistir, supultura.

O português falado na Guiné-Bissau apresenta suas peculiaridades e se distancia das variedades faladas em outros países de língua portuguesa, tendo em vista que a formação social e cultural dos países lusófonos é diferente.

A variação fonético-fonológica do português falado na Guiné-Bissau é quase próxima à de Portugal, conseqüentemente, mais distante da variedade do português brasileiro. Isto é resultado de convivência entre línguas correntes nos dois países. Na Guiné-Bissau, a presença de várias línguas étnicas, e no Brasil, a presença das línguas indígenas e das línguas africanas. Ocorre no Brasil que cada estado tem a sua forma de pronúncia, uns com sibilantes palatalizadas e outros não, ou com africados ou não, por exemplo.

## 6- SÍMBOLOS FONÉTICOS

Labiais	alveolares	palatais	velares
p	t	c	k
b	d	j	g
m	n	ɲ	N
f	s		
	r		
	l	y	
w	(c= TŠ, j=D3; N=velar nasal)		

## Anteriores      centrais      posteriores

i		u
e		e
	a	

O ponto inicial pode ser o quadro fonológico do crioulo tradicional, chamado em crioulistica de crioulo basileto (CB).

Segundo Couto, (1994, p.75-76), inserir líquida após C inicial. A partir deste momento, a língua passa a dispor de estruturas como a da palavra (trusiman) do apêndice, entre outras. Acrescentando-se, portanto, os padrões CCV e CCVC aos já existentes. A palavra (trusiman) exemplifica apenas CCV. A palavra “kriston” que significa *cristão deve* ter assumido essa configuração aproximadamente na mesma época, deixando de lado a possível forma inicial *kristone*.

massacrante da língua lexificadora (LL), no momento que ela fixou um último parâmetro.

Inserir /S/ antes do C inicial.

a) sta, ser, estar

b) strada, estrada, via

c) scribi, escrever

d) splika, explicar

## 7- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O primeiro lingüista que descreveu o fenômeno de neutralização foi Mattoso Câmara, essa descrição possui vínculos com o trabalho aqui exposto, à medida que o autor expõe três quadros de vogais relacionados com a tonicidade de sílaba em que a vogal se encontra. São eles:

Vogais tônicas	/i,e □,a,o,□,u/
Vogais pretônicas	/i, e, a, o, u/
Vogais postônicas finais	/i, a, u/

Assim, podemos observar uma tendência para a elevação das vogais na posição pretônica. Neste momento, também é importante suscitar outra importante autora, Eunice Pontes, que discorda de Mattoso no que tange às vogais nasais como fonemas, mas concorda com os quadros de vogais átonas propostas por Mattoso valendo a análise deste.

Pensando na primeira e segunda articulação proposta por Câmara (1974), nos interessa a segunda articulação, em que podemos perceber desdobramento do fonema em alofones, que nada mais são do que variantes possivelmente condicionadas ou variantes livres. Nas palavras de Câmara (1974, p.223), “cada fonema abrange um campo de realização mais ou menos amplo e envolve em sua unidade ideal as diferenças concretas, que são as variantes. ”

Para melhor definir o conceito de fonema, é pertinente usar o trabalho de oposição das unidades vocais como faz Câmara (1989, p.33).

Assim, não é a diferença articulatória e acústica que distingue primeiramente dois fonemas, mas sim a possibilidade de determinarem significações distintas em um mesmo ambiente fonético.

Segundo Câmara (1974), o falante altera as articulações subconscientemente debaixo de convicção de que estão sendo respeitadas as articulações tradicionais.

O fonema pode variar amplamente na sua concretização de acordo com o ambiente fonético ou vinculado às particularidades dos falantes. Essa alteração pode se concretizar dando origem a um novo fonema, isto é, a passagem de uma variante posicional para fonema autônomo, ou a extinção de uma oposição dando origem a uma neutralização.

## **8- PORTUGUÊS POPULAR DE GUINÉ-BISSAU**

Não são conhecidos estudos sobre o português (vernáculo) da Guiné- Bissau, assumindo que existia, nem são fidedignos os números relativos aos Guineenses que tem o português como segunda língua nem dos que o usam como a língua principal do dia a dia, porém, o português é a língua oficial do país, a língua de instrução e de cooperação internacional. A importância do português como elo entre Guiné-Bissau e o mundo exterior, a língua do conhecimento, é reconhecida pelo governo, pelos acadêmicos e por alguma parte da população.

## CONCLUSÃO

Segundo Couto (1966, cap.III), no que diz respeito ao inventário, que os portugueses levaram para a região em que surgiria o crioulo, constava de 21 consoantes das 13 vogais. Vê-se, portanto, que o crioulo não fonalizou as consoantes fricativas, em todos os casos, isso mostra que houve uma grande simplificação em relação à fonologia do português.

Podemos chegar à consideração de que no crioulo não há nenhum fonema que não ocorre nas línguas substrato.

Apartir dos dados apresentados nesse trabalho conclui-se que tanto no crioulo guineense como no português brasileiros, em relação à em alguns estados, há 100% de elevação de vogal pretonica ( $e \rightarrow i$ ,  $o \rightarrow u$ ) em contextos determinados.

Por fim, este trabalho aponta para o fato de que o crioulo, além de ser uma língua própria, é o principal foco de comunicação inter étnico na Guiné-Bissau, e o crioulo é a língua materna de todos os guineenses.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGEL, M.P. O desafio do escombros: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro, Garamond, 2007. p176.

ANTUNES, I. Línguas, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo, parábola, 2009, 215

AMORIM, Gustavo da Silveira (2009). O comportamento de /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife: Dissertação de Mestrado-Universidade Federal de Pernambuco.

BISOL, Leda (2009). O alçamento de pretônica sem motivação aparente. Português do Sul do Brasil: variação fonológica [recurso eletrônico] / Leda Bisol, Gisela Collischonn (organizadoras); colab. Cláudia Brescancini... [et AL.].

-Dados eletrônicos. - Porto Alegre: EDIPUCRS.

BORTONI, S. M, GOMES, C. A., MALVAR, E. S (1991), et AL.um estudo preliminar do /e/ pretônico. Cadernos de Estudos Lingüísticos, v20, 75-90.

CÂMARA, Jr, J. M (1970). Princípios de Lingüística Geral. Rio de Janeiro: Acadêmica.

----- Dicionário de Lingüística e Gramática (1977). Petrópolis; Vozes.

COUTO, H. H.do. Português em contato: o português e o crioulo na Guiné-Bissau.

Ibero americano Vervuert, 2009.

- CELIA, G.F. As vogais médias pretônicas na fala culta de Venécia-Es. 2004.Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual de CAMPINAS, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.
- CRISTOVÃO, F. Da lusitanidade á lusofonia. Coimbra: Almedina, 2008.p.19-20.
- GRAEBIN, Geruza de Souza (2008). A fala de Formosa/ GO: a pronuncia das vogais pretônicas. Dissertação de Mestrado--Universidade de Brasília.
- VIEIRA, Maria José Blaskovski (2009). As vogais médias átonas nas três capitais do sul do país. In:português do sul do Brasil :variação fonológica [recurso eletrônico ] / Leda Bisol, Gisela Collischonn (organizadoras) ; colab. Cláudia Brescancini... [et al.].— Dados eletrônicos .---Porto Alegre: EDIPUCRS.
- BARBOSA, Fernando Cunha (2011) Elevação da vogal pretônica: contextos específicos de prováveis categóricos.



